

# A COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS EM ESTRUTURAS VERBAIS COMPLEXAS E EM SENTENÇAS COM VERBOS NO INFINITIVO: UMA ANÁLISE DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PUBLICADOS NO NORDESTE DO BRASIL DURANTE OS SÉCULOS XIX E XX.

Geison Luca de Sena Pereira (UFRN)  
[geisonluca@yahoo.com.br](mailto:geisonluca@yahoo.com.br)

Marco Antonio Martins (UFRN)  
[marcoamartins.ufrn@gmail.com](mailto:marcoamartins.ufrn@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Temos como principal objetivo, neste trabalho, versar sobre os resultados preliminares de uma pesquisa que tem como foco a análise e a descrição dos padrões de colocação de clíticos em textos jornalísticos do século XIX e XX. Esses textos pertencem ao corpus mínimo impresso do PHPB (Projeto para a História do Português Brasileiro). Neste trabalho, delimitamos o *corpus*, considerando apenas os dados retirados de cartas de leitores e anúncios publicados na região nordeste durante os séculos XIX e XX. Vale ressaltar que o PHPB é um projeto de âmbito nacional e que em seus *corpora* há textos oriundos de todo o país.

Buscaremos expor, neste trabalho, as análises e as descrições referente aos padrões de colocação de clíticos em dois contextos distintos, escolhidos por apresentarem um comportamento peculiar de variação lingüística: as sentenças com estruturas verbais complexas e as sentenças com verbos no infinitivo. Os estudos da colocação de constituintes nas sentenças têm despertado o interesse de muitos linguistas, que, por meio da análise e descrições de padrões de colocação de constituintes, buscam conhecer como se constituiu os processos de mudança sintática ocorridos nas línguas naturais durante os séculos. Entre os estudos referentes á ordenação de constituintes oracionais podemos destacar as pesquisas sobre a ordenação dos pronomes átonos nas estruturas oracionais.

Esta análise toma por base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (cf. TARALLO 2007), os estudos de Mateus *et al.* (2003), referente aos padrões de ordenação de clíticos no Português Europeu (PE), e de Martins (2012), em relação aos padrões do Português Brasileiros (PB). Os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista nortearam apenas alguns de nossos procedimentos metodológicos, pois esses pressupostos difundidos por Tarallo (2007) são direcionados para a pesquisa sociolinguística de língua falada. Com isso, consideramos alguns pressupostos teóricos como a conceituação de língua como um sistema heterogêneo e alguns procedimentos metodológicos que puderam ser aplicados á pesquisa com texto escrito. Os estudos de Mateus *et al.* (2003) nos permitiu o conhecimento detalhado de todos os clíticos sejam eles pronominais ou não, assim como, de alguns padrões de ordenação de pronomes clíticos no Português europeu (PE).

Já dos estudos de Martins (2012), nos permitiu desenvolver uma descrição mais detalhada dos contextos aqui abordados.

## 1. A PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

O modelo teórico-metodológico conhecido como sociolingüística foi iniciado por William Labov com o objetivo de reintegrar o fator social aos estudos lingüísticos, visto que esse fator tinha sido considerado irrelevante pelo modelo gerativo-transformacional de Noam Chomsky. A sociolingüística, também denominada de *teoria da variação lingüística*, tem como ponto de partida de suas investigações a relação entre língua e sociedade. Esse modelo tem como objeto de estudo o *caos* lingüístico que, apesar de sua heterogeneidade e aparente impossibilidade de padronização, pode ser sistematizado e estudado. É através da sistematização do universo caótico, característico da língua em uso, que podemos perceber fenômenos como a contemporização e a mudança. Estes fenômenos ocorrem devido à existência das variantes lingüísticas que são basicamente as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto” (TARALLO, 2007).

Segundo Tarallo (2007), para que esta sistematização seja feita é necessário que a pesquisa sociolingüística consista em: (i) *um levantamento de um grande número de dados de fala*; (ii) *uma descrição detalhada da variável*; (iii) *uma análise dos fatores lingüísticos e não lingüísticos que podem ser considerados condicionadores do uso de determinada variante*; (iv) *o encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade* e (v) *a projeção histórica da variável*. Seguindo essa metodologia, resumida nesses cinco pontos, o pesquisador, disposto a observar o *caos* lingüístico, terá a capacidade de sistematizar e estudar a língua falada e, com isso, observar os fenômenos que resultam das batalhas travadas entre as variantes lingüísticas, a contemporização e a mudança.

Como foi exposto anteriormente, o primeiro passo a ser seguido para que se possa sistematizar o *caos* lingüístico é o levantamento de dados de língua falada. A princípio o pesquisador deve buscar apenas os dados constituídos do vernáculo, a língua falada no cotidiano, ou seja, aquela em que o falante esteja totalmente despreocupado com o *como* enunciar. Contudo, a obtenção de dados com esta qualidade pode ser prejudicada pela presença inibidora do pesquisador e de seu gravador, fatores essenciais na coleta de dados. Esta dificuldade, conhecida como *Paradoxo do observador*, pode ser superada com a utilização de questionários que estimulem o informante a relatar narrativas de experiências pessoais. Este método tem se mostrado eficiente, pois ao relatar uma experiência pessoal, o informante mostra-se menos preocupado com o *como* enunciar, visto que ele está envolvido emocionalmente com o que está sendo relatado.

Antes mesmo de iniciar o trabalho de coleta de dados, o pesquisador necessita ter cautela no que se refere à comunidade e à seleção dos informantes. Para que não haja maiores problemas nessa fase introdutória da pesquisa, Tarallo (2007) aconselha que: (i) jamais deixe claro ao informante que o objetivo da pesquisa é estudar a língua tal como é usada pela comunidade; (ii) avise ao informante que ele pode pedir a qualquer momento a inutilização da fita; (iii) procure acomodar seu comportamento social e lingüístico ao do grupo ou comunidade entrevistada; (iv) procure entrar na comunidade por intermédio de um integrante dela e (v) utilize a amostra aleatória para a seleção dos

informante. Na seleção dos informantes é importante, também, a utilização das células sociais. Estas células são formadas a partir dos fatores não linguístico que o pesquisador acha que pode ser um condicionador do uso das variantes. Com a utilização dessas células, o pesquisador irá construir um perfil básico dos informantes em potencial, assim como determinar o número exato de informantes que serão necessários para a realização da pesquisa.

Não menos importante que o levantamento dos dados, a descrição detalhada das variantes caracteriza-se como uma etapa necessária para que se possa sistematizar o *caos* linguístico. A descrição detalhadas das variantes, o *envelope de variação*, é importante na pesquisa sociolinguística, pois permite que o pesquisador descubra as armas usadas pelas variantes, ou seja, os contextos que condicionam o uso delas.

Depois de descrever detalhadamente as variantes, o pesquisador deve dar continuidade a pesquisa, analisado os fatores linguísticos e não linguísticos que podem ser considerados como condicionadores do uso das variantes. Os fatores linguísticos, por terem sido elencados na etapa anterior, devem ser associados às variantes a que correspondem, ou seja, as variantes devem ser encaixadas ao sistema gramatical da língua estudada. Ainda nesta etapa, o pesquisador deverá identificar também os fatores não linguísticos que podem condicionar o uso das variantes. Devemos lembrar que quanto maior o número de fatores não linguísticos maior será o número de informantes que deverão ser entrevistados, visto que para garantir a representatividade da amostra é necessário respeitar a proporção de 5 informantes para cada célula social formada.

O encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade é outra importante atividade que deve ser desempenhada pelo sociolinguísta. Nessa etapa, o pesquisador deve elaborar testes que serão respondidos pelos informantes. Esses testes variam de acordo com a natureza da variável (fonológica, morfológica, sintática ou semântica) e pode ser de dois tipos: de *percepção* ou de *produção*. Nos testes de percepção, será exposto aos informantes um grupo de orações ou palavras, de acordo com a natureza da variável, que contenham as variantes descritas detalhadas anteriormente. Diante do conteúdo do teste, o informante deverá expressar sua aceitabilidade em relação às proposições expostas. Já nos testes de produção, o pesquisador deve elaborar mecanismos que façam o falante produzir sua variante ou a variante que considerar mais aceitável. Esses e outros testes são aplicados com o objetivo de extrair informações que possam expressar o papel e o valor que o informante atribui às variantes que circulam na comunidade.

A última etapa destacada por Tarallo (2007) como necessária para a sistematização do *caos* linguístico é a projeção histórica da variável. Ao projetar a variável na história, poderemos identificar se a luta entre as variantes trata-se de um duelo de *contemporização* ou uma batalha que resultará na morte de uma das variantes (*a mudança em processo*). A contemporização é, portanto, um fenômeno linguístico em que duas ou mais variantes coexistem em um determinado momento na história. Por outro lado, a mudança compreende a vitória de uma variante sobre a outra. Para podermos identificar a mudança em processo é necessário incluir na pesquisa o fator histórico e encaixar a variável nesta nova dimensão. Para que isso seja possível, podemos usar procedimentos de projeção histórica como os métodos do *tempo aparente* e a do *tempo real*. O tempo aparente configura-se como um corte transversal na amostra sincrônica, baseado na faixa etária dos informantes, ou seja, será observado o uso das variantes em diferentes faixas etárias. Desta forma, se for identificado um maior uso da

variante inovadora pelos informantes mais novos, podemos está diante de uma mudança em processo. Já o método do tempo real configura-se como a projeção diacrônica das variantes e é somente através deste encaixamento histórico que podemos comprovar a mudança linguística. Considerando isso, Tarallo (2007) toma a projeção histórica como uma viagem de ida (do presente ao passado) e de volta (do passado ao presente).

Vale ressaltar que os procedimentos metodológicos expostos por Tarallo (2007), são métodos pertencentes às pesquisas que tem como objeto de estudo a língua falada. Por isso, procedimentos como a elaboração de questionários, a realização de entrevistas e as técnicas de seleção de informantes são justificadas e recomendadas para esse tipo de pesquisa. No entanto, quando nos referimos a pesquisa linguística com base em textos escritos não podemos considerar esse tipo de procedimentos. Como em nossa pesquisa buscamos analisar os padrões de colocações dos pronomes clíticos no *corpus* impresso do *PHPB*, ou seja, um *corpus* de língua escrita, devemos considerar como aspectos relevantes a essa pesquisa, o pressuposto de língua como um sistema linguístico heterogêneo e os conceitos de contemporização e mudança, expostos por Tarallo (2007), assim como, a organização metodológica expressa na organização e categorização dos dados.

## 2. OS PRONOMES CLÍTICOS

Dadas essas considerações iniciais sobre o modelo teórico-metodológico da sociolinguística e antes de nos aprofundarmos nos estudos referentes a colocação dos pronomes clíticos no português europeu, devemos considerar que as formas clíticas, objeto de estudo dessa pesquisa, não se restringem apenas a classe pronominal. Podemos encontrar itens lexicais que podem ser classificados como clíticos em outras classes gramaticais como os artigos e algumas preposições. As características que esses itens lexicais têm em comum com as formas pronominais clíticas são o fato de serem átonas e necessitarem de um hospedeiro para que sejam realizados na oração. Apesar desta semelhança, os clíticos pronominais distinguem-se muito dos demais clíticos, visto que os pronomes clíticos associam-se apenas aos verbos e não possui posição fixa na oração, podendo ocorrer à direita ou a esquerda do verbo. Essa diferença permite uma subdivisão dos clíticos em *clíticos especiais*, representados pelas formas pronominais, e os *clíticos simples*, compostos pelas classes não pronominais. O fato de não possuir um posição fixa na oração torna o comportamento dos clíticos especiais passíveis de investigação, pois ao analisar os padrões de colocação desses clíticos na história da língua portuguesa podemos evidenciar fenômenos linguísticos interessantes.

Os clíticos pronominais também podem ser divididos em subclasses, levando em consideração sua natureza. Desta forma, podemos apresentar como subtipos desta categoria os clíticos com conteúdos argumentais; o clítico argumental proposicional ou predicativo, conhecido como clítico demonstrativo; os clíticos quase argumentais; os clíticos que possuem comportamento de afixos derivacionais e aqueles sem conteúdo semântico. Esta subdivisão na classe dos pronomes clíticos é baseada em critérios como o potencial referencial ou predicativo; a possibilidade de receber papel temático; a natureza da referência (arbitrária ou específica); ocorrência em construção de redobro ou de extração simultânea; capacidade de funcionarem como afixos.

Os clíticos com conteúdo argumental são aqueles que o seu potencial referencial é voltado para os argumentos verbais e são capazes de receber papel temático do predicador verbal. Este tipo de clítico pode ser dividido em dois outros subtipos: *os clíticos de referência definida* que ocorrem associados à posição de complemento verbal (objeto direto e indireto), e *o clítico de referência arbitrária*, representado pelo *se-nominativo*, referente a um sujeito indefinido e não específico, caracterizando as orações a qual pertencem como orações de sujeito indeterminado. Ainda entre os clíticos argumentais, temos os proporcionais ou predicativos, representado pelo pronome invariável *o*, correlato ao pronome demonstrativo *isso*. Este clítico é considerado argumental, pois faz referência ao objeto direto de verbos que selecionam frases para esta posição.

Os clíticos quase argumentais são aqueles que a princípio possui comportamento argumental, mas verdadeiramente não são argumentos selecionados pelo verbo, predicador da oração, e sim elementos que desempenham outras funções dentro da oração. Estes são os casos dos dativos, ético e de posse, e o se-passivo. Os dativos, apesar de não serem selecionados pelo predicador, são utilizado para atribuir à ação verbal aspectos como a manifestação do interesse do locutor na situação expressa, designando assim um beneficiário, e a ideia de posse designada pelos dativos referentes a este aspecto. Já o se-passivo é uma partícula apassivadora da sentença que tem por referente o *agente da passiva*. Esta partícula bloqueia a relação temática referente aos argumentos verbais.

Os clíticos com comportamento de afixo derivacional e o sem conteúdo semântico ou morfo-sintático são partículas clíticas que não possuem comportamento argumental, associando-se ao verbo para desempenham outro tipo de função. No que se refere ao clítico com comportamento de afixo derivacional, também conhecido como *clítico ergativo/anticausativo*, a função é basicamente de destransitivizar o verbo principal, inibindo assim a presença do argumento externo ao verbo. Já o clítico sem conteúdo semântico ou morfo-sintático, *o clítico inerente*, é um caso especial, pois não possui valor argumental, semântico e morfo-sintático. Quando esta partícula cliticiza em um verbo, forma o que é tradicionalmente conhecido como verbo pronominal e construções que torna possível proposições como: *A Maria apaixonou-se por aquele homem*.

Como foi dito anteriormente, os pronomes clíticos são itens lexicais átonos que necessitam de um hospedeiro, item lexical com acentuação própria, para ocorrer na oração. Os clíticos pronominais usam como hospedeiro o verbo e não assumem uma posição fixa em relação a ele, ou seja, os pronomes clíticos podem ocorrer à esquerda ou a direita do verbo, tendo a possibilidade de ocorrer encaixado a estrutura morfológica do verbo. Considerando isto, quando o clítico estiver a esquerda do verbo podemos dizer que ele está proclítico ao verbo, ou seja, houve uma próclise. Por outro lado, diremos que houve ênclise quando o clítico estiver a direita do verbo. Há ainda um terceiro caso de colocação dos pronomes clíticos que é a mesóclise. Neste caso, o clítico vem encaixado internamente à estrutura verbal como em *Convidar-me-ão*, *Falar-lhe-ei* e *Procurar-me-iam*. Sabendo desta mobilidade na colocação pronominal, poderíamos inferir que a ordenação dos clíticos é caótica, porém ela segue regras gramaticais bem definidas como a lei de Tobler-Moussafia. Esta lei define que os clíticos especiais não podem ocupar a posição inicial absoluta na oração, sendo necessário a presença de qualquer constituinte ou item lexical que ocupe esta posição. Fora deste contexto, o

padrão de colocação dos pronomes clíticos vigente desde o fim do século XIX é a ênclise exceto em construções com atratores de próclise.

Os atratores de próclise são palavras funcionais pesadas que antecedem o verbo e induzem os pronomes átonos a ficarem proclíticos. Podemos citar como principais atratores de próclise os operadores de negação, os Sintagmas-Q, complementadores, advérbios de focalização, de referência predicativa, confirmativos, de atitude proposicional e aspectual, alguns tipos de qualificadores e de conectores de coordenação e constituintes ligados discursivamente em construções apresentativas. Todos estes são proclisadores que fazem os clíticos, nestes contextos, não seguir o padrão de ordenação de clítico, a ênclise, estabelecido desde o século XIX, transformando em regra gramatical a próclise nestes casos.

### 3. A ORDENAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS EM SENTENÇAS COM ESTRUTURAS VERBAIS COMPLEXAS

No tocante á colocação dos pronomes clíticos em sentenças compostas por estruturais verbais complexas é importante ressaltar que adoto, em minha análise e descrição dos dados referentes às estruturas oracionais com complexos verbais, a classificação proposta por Martins (2012) ao analisar e descrever os padrões de clíticos em peças teatrais de catarinenses nascidos nos séculos XIX e XX. Assim como foi feito por Martins (2012), consideramos, nesta pesquisa, dois tipos de variáveis correspondentes ao contexto das orações compostas por estruturas verbais complexas: *as construções com alçamento de clítico* e *as construções sem alçamento de clítico*. Na variável 1, COM alçamento de clítico, o que vai desencadear a variação próclise/ênclise é justamente a presença de um elemento proclitizador. Como já foi dito na seção anterior, os elementos proclitizadores, ou atratores de próclise, são palavras funcionais pesadas que antecedem o verbo e induzem os pronomes átonos a ficarem proclíticos. Em (1) e (2), temos exemplos de dados com a ocorrência da variável 1, ou seja, com sentenças COM alçamento de clítico em estruturas verbais complexas:

- (1) Mas, felismente, com a retomada do livro cessou o conflicto, que não | tomou maiores proporções, porque o | Vigario da freguesia, que alli **não SE | fez esperar**, pôde por meio da pala | vra serenar os animos, e fazer que| todos desoccupassem a igreja decla-| rando-a Inter [ílegivel], tal foi o sangue | que encontrou allí derramado.|| **CARleitor XIX 2 RN– Brado Conservador 22 de dezembro de 1880**
- (2) Como sabem que muito preso essa pobreza | que ainda **não ME faz corar** a de que não me | arrependi nunca em minha vida, é para elle | que os *Garcias* fazem convergir toda a diffa-| mação de que são capazes. || **CARleitor XIX 2 RN– O Caixeiro 24/05/1893**

Os exemplos (1) e (2) representam dois caso em que há o alçamento do pronome clítico mediante a presença de um elemento proclitizados. Nesses dois exemplos, o proclitizador é o advérbio de negação **não**. Consideramos o advérbio de negação como sendo o elemento causador do alçamento do clítico, pois ele é o elemento mais próximo do complexo verbal, mas vale ressaltar que a estrutura verbal complexa faz parte de

uma oração subordinada iniciada por pronome relativo “que”, que também é um atrator de próclise.

Contudo, nessa pesquisa, focalizaremos a análise da segunda variável, ou seja, as orações SEM alçamento de clítico, visto que, segundo Martins (2012), podemos identificar a ocorrência de três variantes distintas: (i)  $V_1(X)cIV_2$ , com o pronome átono proclítico ao verbo não finito; (ii)  $V_1(X)V_2cl$ , com o pronome átono enclítico ao verbo não finito e (iii)  $V1clV2$ , um contexto ambíguo em que não é possível definir se o pronome clítico tem como hospedeiro o verbo finito ou o verbo não finito, como podem ser vistos em (1), (2), (3) e (4).

- (3) Já que topei sem querer com a politica, vou dizer-LHES que por a-| qui as cousas vão caminhando com | certa actividade que me faz sus-| peitar e ao amigo Social alguma no- | vidade lá pela região dos grandes. || **CARleitor XIX 2 RN– Brado Conservador 24 de fevereiro de 1881**
- (4) Terminando, Sr. Redator, devo dizer-VOS que só com maita repugnância e desgosto. Sabi | da minha obscuridade, e não fossem as aggres\_sões grosseiras de que estamos sendo vielin.as | nós os ingratos, que eu não me abalançaria a| pedir a inserção destas linhas no valente órgão | do partido republicano, de que me desvanço de ser um fraco e convicto soldado. || **CARleitor XIX 2 RN– A República 27 de agosto de 1892**
- (5) – Ora pois, temos proxi- | mas Eleições no mez de Setembro, e | devemos votar em outro Juiz de Paz, | porque o actual Jeronimo Pires he mui- | to sabido, e quer SE fazer muito gran-| de: devemos votar em outro que nós | lhe peguemos pelas orelhas, e o levemos | aonde quizermos, e quando lhe disser- | mos “arre para ali, que elle và,,(sic) o Pa- | dre Bastos. – || **CARleitor XIX 1 Recopilador Cachoeirense (12 de dezembro de 1832, n° 46)**
- (6) o que faz LHE attribuir, serem elles os authores do attentado, que soffreu hontem 16 do corrente, as 9 horas da noite, quando se quiz arrombar as portas do fundo da sua casa de morar, **ANUNCIO XIX 2 O Feirense (17 de fevereiro de 1863)**

Em (3) e (4), podemos observar a ocorrência da variante  $V_1(X)V_2cl$ , ou seja, nesses dados, o pronome átono está enclítico ao verbo não finito. Em ambos os casos não há material interveniente entre os verbos que compõem o complexo verbal. Já (5) e (6) correspondem a dados que evidenciam a ocorrência da variante ambígua  $V1clV2$  em que não é possível identificar se o pronome clítico está enclítico ao verbo finito ou proclítico ao verbo não finito.

#### **4. A ORDENAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS EM SENTENÇAS COM VERBOS NO INFINITIVO**

Como já foi dito anteriormente, muitos pesquisadores em linguística histórica tem voltado seus olhares para a sintaxe de ordenação de constituintes a fim de estudar os processos de mudanças nas línguas naturais. Os estudos sobre a ordenação de clíticos na estrutura oracional têm alcançado um papel importante nesse cenário da pesquisa linguística. Nos estudos relativos às ordenações de clíticos são considerados muitos contextos em que podem ser encontrados os pronomes clíticos e um desses compreende

o das sentenças com verbos no infinitivo. Dedicamos essa seção para uma breve descrição desse contexto.

Nessa descrição consideraremos inicialmente dois outros contextos subordinados ao das sentenças com verbos no infinitivo: as sentenças com verbos no infinitivo e as sentenças com infinitivo preposicionado, como pode ser visto em (7) e (8):

(7) O abaixo assignado vende por preço comodo duas casas que possui, sitas nesta villa a rua direita da Matriz; assim como uma roça denominada Casumbá, em terreno Nacional, e quasi junta as margens do Rio Jaquipe: quem AS pretender diriga-se ao annunciante **ANUNCIO XIX 2 O Feirense (04 de fevereiro de 1863)**

(8) Ao publico, e tão somente a elle, devo | a satisfação dos meus actos; e por isso | afasto-me de novo da merecida obscuri- | dade, que tem servido de abrigo ao meu | nome, para prestar-LHE o devido respeito | que de mim pode exigir. **CARleitor XIX 2 Jornal de Noticias (17 de junho de 1896/Ano XVII, nº 4946)**

Em (7), podemos observar a colocação do pronome clítico AS e seu hospedeiro, o verbo *pretender*. Nesse caso, o pronome átono está proclítico ao verbo não finito. Dessa forma, (7) é um exemplo de sentenças que apresentam simplesmente o verbo no infinitivo, pois nenhum elemento que antecede o clítico e o verbo no infinitivo (cInf) pode ser considerado uma preposição. Como pode ser visto em (9), a próclise não é a única opção de colocação do pronome clítico nesse contexto. Neste exemplo, o pronome clítico LHE está enclítico aos verbos *rogar* e *remetter*.

(9) *Senhor Redactor* – Como este povo seja muito | ignorante e por consequencia tudo aguen- | te e tolere sem boquejar, ainda soffrendo | as maiores injustiças, e privações em seo | direito, como presentemente se acha sof- | frendo pelo que praticou a camara muni- | cipal desta cidade, motivo por que me re- | solvi remetter- LHE estas toscas linhas e ro- | gar-LHE o obsequio de as fazer publicar em | seo conceituado jornal, afim de ver se | os nossos queixumes chegão ao conhecimento | das authoridades superiores e dão ellas as | providencias que são de desejar. **CARleitor XIX 2 CE – O Cearense 03 de junho de 1856**

Já em (8), podemos observar que o pronome clítico está enclítico ao verbo *prestar*, mas, anterior ao verbo há uma preposição. Neste caso, evidencia-se a ocorrência de uma sentença com infinitivo preposicionado. Em (10), podemos observar ocorrência de próclise nesse contexto.

(10) Elles tem *União, | e Olho bem vivo!.... Para SE oppo- | rem* á vossas ciladas!.... Elles bem | conhecem que a feliz Independencia do | Brasil, he obra do seu Corajoso Ge- | nio Protector!.... **CARleitor XIX 2 Gazeta da Bahia (22 de maio de 1830/nº 40)**

Como podemos ver, ambos os contextos apresentam a variação cIV/Vcl, motivados pela presença ou pela ausência de atratores de próclise ou ainda pelos tipos de elementos que os antecedem. Devemos lembra que ocorrência de verbos no infinitivo representa, na maioria dos casos, a existência de uma oração subordinada reduzida por



infinitivo. Com isso, é importante levar em consideração a natureza dessa oração subordinada.

## **CONCLUSÃO**

Diante do que foi exposto neste trabalho, podemos concluir que os estudos referentes à colocação dos pronomes clíticos em sentenças retiradas de textos publicados em séculos passados podem contribuir para suscitar reflexões a cerca das mudanças sintáticas que ocorreram durante os séculos. Com isso, vemos que a língua é um sistema heterogêneo sujeito a mudanças, assim como postulado por Labov e defendido por Tarallo (2007). Contudo, a heterogeneidade da língua não a impede de ser estudada, pois é diante do aparente “*caos lingüístico*” que o linguista deve aplicar os métodos de pesquisa, seja essa voltada à análise de dados de língua falada ou de língua escrita.

Concluimos, também, que por meio da descrição do comportamento dos clíticos em sentenças com complexos verbais e em sentenças com verbos no infinitivo, ficou evidente que os estudos dos padrões de colocação dos pronomes clíticos podem contribuir ainda mais para construção do conhecimento sobre a língua e os processos de mudança sintática.

Por fim, a relevância desse trabalho está no fato de abordarmos contextos pouco estudados mesmo dentro das pesquisas relacionadas à colocação de clíticos em estruturas oracionais. Nesses contextos, podemos observar que há a ocorrência da variação clV/Vcl motivada em muitos casos pela presença de elementos proclitizadores. As análises detalhadas desses dois contextos podem evidenciar padrões de colocações de clíticos que podem contribuir com os estudos a cerca da formação do Português brasileiro.

## **REFERÊNCIAS**

- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática do português. Rio de Janeiro: Nova Franteira, 2009. 37ª Ed.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Editora Caminho S.A. 2003.
- MARTINS, M. A. “O português são três”: evidências empíricas para a hipótese de competição de gramáticas. Revista da ABRALIN, 2010.
- TARALLO, F. L. A pesquisa sociolinguística. – 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007. 96p. – (Princípios; 9)